

Poluição é ameaça para Jacaraípe e Manguinhos

Bleco

1.º 55,31", 067

AJ15915

Kátia Fraga

Foto de Nestor Muller

Vilarejos formados na década de 30, em função de colônia de pescadores, Jacaraípe e Manguinhos, balneários vizinhos, enfrentam hoje problemas comuns. Na ausência de rede de esgoto, os dejetos acabam sendo lançados nas praias, provocando poluição das águas. Nem mesmo a longo prazo há previsão de solução, já que a Prefeitura da Serra considera isso como "utopia". A ocupação desordenada acarretou problemas de infraestrutura e saneamento básico. Atualmente com 35 mil e 3.500 moradores, respectivamente, as perspectivas para o ano 2000 são das piores. Com uma população flutuante quatro vezes superior à fixa, a tendência é de que os balneários sejam transformados em cidades dormitórios como resultado do acelerado desenvolvimento industrial no município. Quem trabalha fora não sabe se, ao retornar, vai encontrar sua casa em perfeita ordem, devido à total falta de segurança. Com a precariedade da iluminação pública em algumas vias e o descaso das autoridades competentes, já existem áreas consideradas como ponto de desova.



Em Manguinhos, um dos balneários mais pitorescos da Grande Vitória, uma parte da praia está comprometida com a poluição de um rio

Crianças são mal-atendidas

Um dos problemas mais sérios de Manguinhos envolve 60 crianças. É que, com a derrubada do prédio da creche Vovó Ritinha, em outubro do ano passado, a unidade passou a funcionar precariamente no centro comunitário. O local não oferece qualquer segurança. Sem cercas, facilmente as crianças podem ser vítimas de atropelamentos, ou outros incidentes. A fossa transborda constantemente, e o esgoto escoa bem em frente ao local.

A garotada foi remanejada para o espaço alternativo com a promessa da Prefeitura de construir um novo prédio num prazo de quatro meses.

Só que até hoje, as obras sequer foram iniciadas. A diretora do Departamento de Creches, Rosane Santos Lorençom, justificou que a Prefeitura não dispõe de recursos próprios para erguer um novo prédio. As creches são construídas em regime de convênio.

"Os recursos por parte da LBA para a construção dessa unidade não foram liberados. Tivemos a garantia da superintendência regional do órgão de que no início do ano que vem serão construídas duas ou três creches. Caso até a segunda quinzena de fevereiro a obra não esteja concluída também não permitiremos o funcionamento da creche no centro comunitário".

Projeto

O projeto de "desurbanização" da orla do balneário é um ideal dos moradores. Milagres explicou que o objetivo é não descaracterizar o lugar e não fazer uma urbanização como a de Jacaraípe, onde a vegetação de restinga cedeu espaço para os calçadões, entre outras altera-

partir dos moradores. "Cada pessoa deve instalar fossa em sua casa, para evitar lançamento no mar". Comentou que as fossas, todavia, só funcionam com eficiência em terrenos arenosos, o que não é o caso dos balneários, que possuem solos argilosos, dificultando a absorção do material líquido — já que a parte sólida deve ser retirada, através de manutenção constante. No balneário vizinho, os coletivos demoram até 40 minutos para passar nos pontos.

Saúde precária

Loteamento liberado sem infraestrutura, Capuba sofre por falta de iluminação pública, como outras regiões de Jacaraípe, onde há deficiência também de coleta de lixo. "O recolhimento é programa-

de Jacaraípe para outra região serana, ou para a capital. Fortes contou que foi feito um levantamento para apurar qual a preferência por cursos, chegando-se à conclusão de que Contabilidade era o mais requisitado. A Secretaria de Educação (Sedu), porém, implantou apenas o Magistério em uma escola.

Caso de polícia

Para o líder comunitário de Jacaraípe II, Ezequias Rodrigues Viana, segurança "é caso de polícia". "Aqui é fácil matar e continuar andando tranquilamente, pois não há policiamento". A delegacia, que comporta 14 presos, fica, em média, com 35 a 40 detentos, com frequência. Os poucos policiais têm de atender a todos os bairros vizinhos, quando não fi-

Invasões são constantes

Até o início dos anos 70, Jacaraípe não convivia com o que se chama ocupação desordenada. A partir de 1977, segundo o coordenador de Cadastro Técnico Municipal e ex-secretário de Planejamento e de Obras da PMS, Edson Hermes Guimarães, começaram a surgir as primeiras invasões na antiga colônia de pescadores. Hoje, conforme assegura Pedro da Cunha Fortes, existem quatro invasões com cerca de 2 mil famílias.

"O processo de invasão ocorreu numa época que antecedeu à construção da CST e a instalação de outros complexos industriais do município, o que, é claro, atraiu várias pessoas de outros Estados e do interior de Espírito Santo", informou

cios do fogo, provocando a queimada das castanheiras". Por isso, pretende conseguir apoio da Prefeitura para realizar uma campanha de educação ambiental, junto a visitantes e moradores.

Os comerciantes também mostram preocupação quanto ao verão. "O movimento está fraco e a tendência é piorar, acompanhando o poder aquisitivo das pessoas. Quem vem de fora procura trazer tudo, comprando o estritamente essencial", disse o proprietário da lanchonete Vida Nova, Arnolfo Navarrete. Já o proprietário da pizzaria e restaurante A Petisqueira, Jorly Gomes está otimista de que o movimento de vendas aumentará em 40% no período. "afinal o sol

sem contar com rede de esgoto, grande parte de moradores e comerciantes realiza ligações clandestinas na rede de drenagem, lançando os dejetos em direção ao rio Jacuné, sob a ponte do bairro, desembocando direto na praia. O presidente da Associação de Moradores de Jacaraípe, Pedro da Cunha Fortes, não poupou críticas à Prefeitura da Serra e ao Governo do Estado.

“O governador Albuíno Azeredo visita hoje (às 12 horas, conforme agenda do Palácio Anchieta) as obras da estação de tratamento de esgoto, mas temos plena convicção de que isso não resolverá a terça parte do problema de saneamento básico”, revelou. O secretário Municipal de Obras, Izael Euzébio dos Santos, informou que a Prefeitura da Serra construiu 22 mil metros da rede de esgoto na parte central do bairro.

A rede, porém, só poderá ser ativada em 93, quando está previsto o funcionamento da estação de tratamento de esgoto em construção graças a um convênio firmado entre PMS e Governo, na década de 80. Santos admite que isso não será suficiente para solucionar a questão. “Não existe perspectiva de instalação de rede em outras áreas. É quase utopia acreditar que o problema será resolvido totalmente no município e no país de uma forma geral”.

Poluição

Em Manguinhos, a situação não é diferente. A presidenta da Associação de Moradores e Amigos de Manguinhos (AMAM), Suely Carla Milagres, afirma que os dejetos provenientes de uma invasão no bairro, assim como de alguns moradores — embora 80% possuam fossas em suas residências — estão sendo lançados no rio do balneário, acabando por cair na praia, provocando poluição das águas. “Há quatro semanas tivemos um almoço com o prefeito Aduauto Martinelli, quando relatamos as reivindicações da comunidade. Embora ele tenha garantido que providenciaria soluções, até agora nada”.

Santos lembrou que, em 90, a PMS enviou projeto para o Programa Social de Emergência e Geração de Empregos, em Brasília, solicitando ajuda financeira para o saneamento básico em quatro bairros do município — Nova Carapina, Jardim Bela Vista, Jardim Primavera e Jardim Guanabara. A solução alternativa, disse, deve

partir dos moradores. “Cada pessoa deve instalar fossa em sua casa, para evitar lançamento no mar”. Comentou que as fossas, todavia, só funcionam com eficiência em terrenos arenosos, o que não é o caso dos balneários, que possuem solos argilosos, dificultando a absorção do material líquido — já que a parte sólida deve ser retirada, através de manutenção constante. No balneário vizinho, os coletivos demoram até 40 minutos para passar nos pontos.

Saúde precária

Loteamento liberado sem infra-estrutura, Capuba sofre por falta de iluminação pública, como outras regiões de Jacaraípe, onde há deficiência também de coleta de lixo. “O recolhimento é programado para apenas duas vezes por semana, só que o caminhão fica sem passar durante 10 dias”, mencionou Fortes. “Falar em transporte é brincadeira, já que o ônibus demora até uma hora no novo trajeto, fazendo baldeação no Terminal de Carapina. Antes, os coletivos percorriam o trecho do bairro à Rodoviária em 50 minutos.

Animais soltos na pista. Uma reclamação antiga, que originou vários acidentes automobilísticos. O fiscal da PMS, João Carlos da Silva Borges, adiantou que a Prefeitura já alugou um curral e está adquirindo um caminhão para recolher os animais que estiverem colocando em risco a segurança de motoristas e pedestres. Se educação e Saúde são prioridades no discurso das autoridades governamentais, a realidade mostra outra face naqueles bairros.

Com apenas um posto de saúde, Jacaraípe não conta com a devida atenção no setor. “Muita gente chega a unidade cedo, às 3 horas da manhã, e mesmo na fila sequer conseguem atendimento. Os médicos não cumprem horários, o que prejudica ainda mais a situação. A unidade deveria ser instalada na área periférica, onde a demanda é maior só podemos contar, assim, como as regiões vizinhas, com o hospital Dório Silva, que fica distante”, salienta Fortes. Para a presidenta da AMAM, o funcionamento do posto, na região, é eficiente, mas é “indispensável que o poder público agilize a abertura da unidade fora do horário comercial e nos finais de semana e feriado”.

Educação é artigo de luxo, pois quem pretende cursar o segundo grau, escolhendo outro curso que não magistério, tem de se deslocar

de Jacaraípe para outra região serana, ou para a capital. Fortes contou que foi feito um levantamento para apurar qual a preferência por cursos, chegando-se à conclusão de que Contabilidade era o mais requisitado. A Secretaria de Educação (Sedu), porém, implantou apenas o Magistério em uma escola.

Caso de polícia

Para o líder comunitário de Jacaraípe II, Ezequias Rodrigues Viana, segurança “é caso de polícia”. “Aqui é fácil matar e continuar andando tranquilamente, pois não há policiamento”. A delegacia, que comporta 14 presos, fica, em média, com 35 a 40 detentos, com frequência. Os poucos policiais têm de atender a todos os bairros vizinhos, quando não ficam dentro da delegacia somente”.

O problema mais sério naquele setor de Jacaraípe, de 35 alqueires, é a moradia. Ao todo são 1.500 famílias que vivem na incerteza do amanhã. “Corremos o risco de despejo, mesmo tendo comprado os lotes onde construímos nossas casas. É que há cerca de 15 anos os lotes foram vendidos pela Imobiliária Jacaraípe e algum tempo depois foram vendidos novamente pela Imobiliária Canaã. Até hoje não sabemos quem são os legítimos donos, uma vez que o processo está tramitando na Justiça”.

A abertura de ruas é mais uma reivindicação daquele setor. “Em acordo com a empreiteira responsável pela construção da estação de tratamento de esgoto solicitamos a abertura de ruas para facilitar o acesso à Rua 16, por onde passam os ônibus. São seis quarteirões em bloco, mesmo assim fomos impedidos pelos órgãos públicos. A Seama, por exemplo, não fiscaliza a extração de areias, irregularidade iniciada pelos irmãos Turra. Mas na hora de ajudar em benefícios da comunidade eles bloqueiam”, denunciou Viana.

Na opinião da líder comunitária do setor Residencial Lagoa, Anaete Salazar Garcia, os principais transtornos são: falta de posto médico, construção de uma creche, deficiência na coleta de lixo, falta de segurança e escassez de água no verão, com a chegada dos veranistas. Quanto a transporte não tem do que reclamar, pois afirma que, em horários de pico, os ônibus circulam com frequência de 15 minutos, fazendo baldeação nos dois terminais da Serra — Carapina e Laranjeiras.

Invasões são constantes

Até o início dos anos 70, Jacaraípe não convivia com o que se chama ocupação desordenada. A partir de 1977, segundo o coordenador de Cadastro Técnico Municipal e ex-secretário de Planejamento e de Obras da PMS, Edson Hermes Guimarães, começaram a surgir as primeiras invasões na antiga colônia de pescadores. Hoje, conforme assegura Pedro da Cunha Fortes, existem quatro invasões com cerca de 2 mil famílias.

“O processo de invasão ocorreu numa época que antecedeu à construção da CST e a instalação de outros complexos industriais do município, o que, é claro, atraiu várias pessoas de outros Estados e do interior do Espírito Santo”, informou. Avaliou ainda que “com a maior parte dos proprietários morando longe dos lotes não foi difícil para os invasores se apossarem dos terrenos”. Em Manguinhos, a ocupação aconteceu no loteamento Santa Rosa de Lima, em 85. Alguns invasores chegaram a ingressar na Justiça com pedido de Usucapião. Na opinião do ex-secretário, a retirada ilegal de areia facilitou o processo, “tendo em vista que os invasores devem pensar que se as autoridades competentes não adotaram medidas para coibir a prática também não o fariam contra invasores”.

Verão

Com a chegada da estação do sol, o paraíso bucólico fica ameaçado. A presidenta da Amam, Suely Carla Milagres, incansável na luta pela preservação ambiental, receia que os vereanistas promovam destruições. “Eles não se incomodam em deixar lixo na praia. Fazem churrasco na orla e deixam resqui-

cios do fogo, provocando a queimada das castanheiras”. Por isso, pretende conseguir apoio da Prefeitura para realizar uma campanha de educação ambiental, junto a visitantes e moradores.

Os comerciantes também mostram preocupação quanto ao verão. “O movimento está fraco e a tendência é piorar, acompanhando o poder aquisitivo das pessoas. Quem vem de fora procura trazer tudo, comprando o estritamente essencial”, disse o proprietário da lanchonete Vida Nova, Arnolfo Navarrete. Já o proprietário da pizzaria e restaurante A Petisqueira, Jorly Gomes está otimista de que o movimento de vendas aumentará em 40% no período, “afinal o sol promete arrebentar”.

Gomes lamenta, no entanto, que a Cesan ainda não tenha instalado hidrômetros para efetuar uma cobrança mais justa quanto ao consumo de água. Entre outros transtornos, teve de improvisar um bueiro para facilitar o escoamento de água, em dias de chuva. “Não existe bueiro nesse trecho e quando chove é alagamento na certa. Outro transtorno é referente ao esgoto da delegacia, que frequentemente escoia na pista, provocando mau cheiro e proliferação de mosquitos”.

Navarrete se queixa da “invasão de trailers”. “Eles não pagam impostos e ainda causam prejuízos para os comerciantes fixos. É muito cômodo e conveniente ficar nessa situação”. O fiscal da PMS, João Carlos da Silva Borges, explicou ao visitar o bairro na semana passada, que cerca de 40 estabelecimentos comerciais, em situação irregular por falta de alvará, terão de desocupar Jacaraípe, assim como os ambulantes de Manguinhos.

Foto de Nestor Muller



Em Jacaraípe, crianças ligam para a placa de advertência

que no início do ano que vem serão construídas duas ou três creches. Caso até a segunda quinzena de fevereiro a obra não esteja concluída também não permitiremos o funcionamento da creche no centro comunitário”.

Projeto

O projeto de “desurbanização” da orla do balneário é um ideal dos moradores. Milagres explicou que o objetivo é não descaracterizar o lugar e não fazer uma urbanização como a de Jacaraípe, onde a vegetação de restinga cedeu espaço para os calçadões, entre outras alterações. O projeto detalhando a idéia foi elaborado pelos técnicos Augusto Alvarenga, Kennedy Vianna e Marcelo Fiorotti. “Já temos convênio com o projeto Tamar para preservar o local de desovas tartarugas marinhas, na ponta dos fochos, e a desurbanização viria a somar os esforços”.

O projeto prevê calçamento apenas na rua principal (rua do ônibus), que liga o balneário a Bicanga. Na praia, a pista seria mão única e os veículos não poderiam estacionar na beira da orla, para evitar danos à vegetação nativa, que também seria recuperada. Os barraqueiros cadastrados seriam relocados da área de restinga — que protege o solo da erosão — para um local próximo. “Apesar de termos feito um trabalho completo nesse sentido, a Prefeitura não demonstrou interesse em executar a idéia”.

“O que os moradores apresentaram à Prefeitura foi um anteprojeto sem detalhes. Sendo assim, é difícil levantar os custos em torno do trabalho. A Prefeitura compactua com o projeto da comunidade, mas precisa encontrar uma fonte de captação de recursos para tanto, tendo em vista que as prioridades são educação, limpeza pública e saneamento”. A declaração é do secretário municipal de Planejamento, Herbert José França.